



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural**

**INTERPRETAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE  
“GURUÉ”, NA PROVÍNCIA DA ZAMBÉZIA, NA SUA RELAÇÃO COM  
AS TRADIÇÕES CERÂMICAS DO I MILÉNIO AD**

**A PENSAR NA TERMINOLOGIA**

**Raúl Adelino Mondlane**

**Maputo, Novembro de 2023**

**INTERPRETAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE  
“GURUÉ”, NA PROVÍNCIA DA ZAMBÉZIA, NA SUA RELAÇÃO COM  
AS TRADIÇÕES CERÂMICAS DO I MILÉNIO AD**

**A PENSAR NA TERMINOLOGIA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

**Por: Raúl Adelino Mondlane**

**Departamento de Arqueologia e Antropologia**

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

**Supervisora:** Professora Doutora Solange Laura Macamo

**Co-supervisor:** Mestre Celso Simbine

Maputo, 2023

**O Juri:**

**O Presidente**

\_\_\_\_\_

**O Supervisor**

\_\_\_\_\_

**O Oponente**

\_\_\_\_\_

**Data**

\_\_/\_\_/\_\_

## Índice

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
SIGLAS.....	iv
LISTA DE TABELAS E FIGURAS.....	v
RESUMO.....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
Problemática e justificativa da pesquisa.....	2
Objectivos da pesquisa.....	3
Objectivo geral.....	3
Objectivos específicos.....	3
Metodologia.....	3
I CAPÍTULO.....	5
REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1.1. Definição dos conceitos usados.....	5
1.2. História da Investigação.....	7
1.3. Contexto Arqueológico.....	8
CAPÍTULO II.....	11
CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE.....	11
2.1. Caracterização geográfica da área de estudo.....	11
2.1.1. Localização.....	11
2.1.2. Relevo e vegetação dominante.....	13
2.2. Caracterização dos vestígios arqueológicos e período da ocupação da estação arqueológica de Malessane.....	14
INTERPRETAÇÃO DAS TRADIÇÕES CERÂMICAS DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE.....	16
3.1. Análise da cerâmica da estação arqueológica de Malessane, por Conceição Rodrigues (2006).....	16
3.2. Interpretação das tradições cerâmicas identificadas.....	24
3.2.1. Tradição Nkope.....	24
3.2.3. Kwale- Matola.....	27
Discussão: Malessane a dispersão dos povos falantes de línguas Bantu.....	30

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÃO .....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

## DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau académico e que a mesma resulta da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto as fontes bibliográficas que consultei para a sua execução.

Maputo

---

Raúl Adelino Mondlane

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Adelino Jaime Mondlane e Ermelinda Sidónio Inguane, assim como aos meus irmãos e amigos, pelo apoio incondicional material e moral.

## AGRADECIMENTOS

Endereço o meu agradecimento, em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada seria possível.

Aos meus progenitores, Adelino Jaime Mondlane e Ermelinda Sidónio Inguane.

Especial agradecimento à minha supervisora, Prof<sup>a</sup>. Doutora Solange Macamo, pela sua dedicação, paciência, simpatia, simplicidade e apoio incondicional, e ainda, sobretudo, pelos seus ensinamentos e confiança que depositou em mim ao longo de todo o processo da elaboração deste trabalho. De igual modo, agradeço ao Mestre Celso Simbine, como co-supervisor, pelos oportunos comentários, que enriqueceram este trabalho.

Meu grato reconhecimento ao corpo docente afecto ao DAA, pela aprendizagem, partilha de experiências e incentivos prestados, nomeadamente ao Prof. Doutor Hilário Madiquida, Mestre Kátia Filipe, Prof. Doutor Leonardo Adamowicz (em sua memória), Doutor Hamilton Matsimbe, Mestre Omar Madime, Mestre Décio Muinga, dra. Marta Langa, Mestre César Mahumane e Dr. Jossias Humbane.

Os meus agradecimentos estendem-se também aos meus colegas, pelo apoio, conselhos e atenção dispensados, desde o início do curso, particularmente, Anlauy Alí, Milton Chirindza, Estevão Mucavele, Brahimo Ussene, Juma Turquia, Gerson Guta, Cândido Foliz, Clara Mendes, Judite Nhanombe e Sílvia Mawai. Aos demais colegas, Agostinho José, Nazir Assuby, Hamido Atuí, Pedro Moiane e Lucas Maluvane, o meu muito obrigado pelo apoio que me deram.

De reconhecer a contribuição valiosa da Arqueóloga, Maria Conceição Rodrigues, que possibilitou a elaboração deste trabalho e as considerações terminológicas.

## **SIGLAS**

**AD** - Ano Domini, do latim: Ano do Senhor; Nossa Era

**BP** – “Before Present” ( Antes do Presente)

**CAP** - Comunidades de Agricultores e Pastores

**IFI** - Idade do Ferro Inferior

**IFS** - Idade do Ferro Superior

**IICT** - Instituto de Investigação Científica Tropical

**PCAP** - Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores

**DAA** - Departamento de Arqueologia e Antropologia

**MAM** - Missão Antropológica de Moçambique

**SAREC** - Agência Sueca Para a Cooperação Científica

**TIW** - “Triangular Incised Ware” (Olaria Triangular Incisa)

**UEM** - Universidade Eduardo Mondlane

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1. Localização do sítio arqueológicos de Malessane, (Por Hamido Atuia 2022).....	11
Figura 2. Divisão administrativa da Cidade do Gurué, distrito do Gurué, Zambézia (Fonte: MAE 2005: 25).....	12
Figura 3. Posto Administrativo de Malessane em 1964, distrito do Gurué (Fonte: Rodrigues 2006).....	12
Figura 4: Vegetação e relevo do distrito de Gurué (Fonte: <a href="https://Tsevele.co.mz/index.php/artigos/item/211-montes-namuli-o-berco-dos-povos-makhuwas-e-lomwes">https://Tsevele.co.mz/index.php/artigos/item/211-montes-namuli-o-berco-dos-povos-makhuwas-e-lomwes</a> ).....	13
Figura 6. Morfologia e diâmetros da cerâmica “tradicional” recolhida no Sítio de Malessane.....	21
Figura 7. Morfologia da cerâmica local recolhida na estação arqueológica de Malessane. Fonte: Martinez et al. (2013).....	23
Figura 8. Variantes dos motivos decorativos da cerâmica da Tradição Nkope, no Sul do Malawi (Robinson 1972: 172).....	25
Figura 9. (Huffman 1970 ; Sinclair et al., 1993: 418).....	27
Figura 10. Cerâmica do tipo Matola (Sinclair 1993: 419).....	29
Tabela 1. Análise da cerâmica da estação arqueológica do Malessane.....	22
Tabela 2. Morfologia da cerâmica local recolhida na estação arqueológica do Malessane Fonte: Rodrigues (2006: 434).....	22
Tabela 3. Características da cerâmica da Tradição Nkope.....	25
Tabela 4. Características da cerâmica da tradição Kwale.....	26
Tabela 5. Características da cerâmica da Tradição kwale- matola.....	28

## RESUMO

Este trabalho interpreta a estação arqueológica de Malessane “ Gurué”, na província da Zambézia, na sua relação com as Tradições Cerâmicas do I milénio AD: A pensar na terminologia. O estudo baseou-se nos resultados da investigação arqueológica realizada por Santos Júnior na estação arqueológica de Malessane, que foram, posteriormente, publicados por Conceição Rodrigues na sua obra de 2006.

Neste contexto, neste trabalho é usado o termo de Comunidades de Agricultores e Pastores no lugar da chamada Idade do Ferro para interpretar a estação arqueológica de Malessane.

Para a discussão do problema da investigação, são identificadas as Tradições Cerâmicas do I milénio AD de Moçambique, no contexto da região da África Austral, as quais são relacionadas com a estação de Malessane, na Província da Zambézia. A análise efectuada baseia-se nos parâmetros arqueológicos, como a decoração e a forma da cerâmica encontrada, sendo associada com as Tradições Nkope, do Malawi, Kwale do Quénia e da Tanzania e Matola de Moçambique.

O estudo efectuado possibilitou a reconversão da “Idade do Ferro” usada anteriormente, pelo termo de Comunidades de Agricultores em Moçambique para a interpretação da estação arqueológica de Malessane, na Província da Zambézia.

**Palavras-chave:** Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores. Idade do Ferro. Tradição Cerâmica. Estação Arqueológica de Malessane.

## INTRODUÇÃO

De acordo com Martinez *et al.* (2013: 3), a estação arqueológica de Malessane, conhecida por Gurué, foi descoberta em Agosto de 1964 por Santos Júnior no âmbito da Missão Antropológica em Moçambique, na sequência da abertura de um campo de estrada no povoado de Malessane, no Distrito de Gurué, na província da Zambézia. Em 2006, foram apresentados os resultados finais sobre a análise da cerâmica da estação do Gurué, por Maria da Conceição Rodrigues, a partir da sua tese de doutoramento de 2004.

O presente estudo visa interpretar a estação arqueológica de Malessane, a partir da colecção de cerâmica recolhida por Santos Júnior no âmbito da quarta Missão Antropológica de Moçambique em 1946, tendo como base a publicação acima referida de Maria da Conceição Rodrigues.

Crê-se que a estação de Malessane seja uma evidência das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores falantes de língua Bantu, associadas com a Tradição cerâmica designada por Nkope do Malawi. Esta cerâmica é caracterizada por potes globulares com uma borda engrossada, estreita e evertida, com uma decoração em estampagem de pente. Outras tradições associadas são Kwale e Matola, identificadas no Quénia, Tanzania e em Moçambique, respectivamente.

Neste sentido, o termo Comunidades de Agricultores e Pastores falantes de línguas Bantu, foi a designação dada pelos arqueólogos, na África Austral, em substituição da clássica “Idade do Ferro” conforme Adamowicz (2003: 26) e Macamo (2003: 27). As Comunidades de Agricultores e Pastores são vistas como uma etapa do desenvolvimento social, em que passa a existir a sedentarização, o desenvolvimento da agricultura de produção de cereais e fabrico de instrumentos metálicos, especialmente de ferro (Meneses 2002: 91), na substituição das anteriores sociedades de Caçadores e Recolectores (Madiquida, 2015: 16-17), mas que não serão aqui desenvolvidas dado que estão fora dos objectivos pretendidos com este trabalho. Contudo, este estudo está direccionado para as Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD, na sua relação com a estação arqueológica de Malessane, na Província da Zambézia. Este período, de acordo com Meneses (2002: 91), está

associado com o fabrico da cerâmica, que é vista como sendo um factor importante de interpretações arqueológicas. A cerâmica é capaz de produzir sequências culturais e cronológicas dentro do desenvolvimento das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique, no contexto da África Austral (Solange Macamo, comunicação pessoal, em 2023).

Contudo, importa referir que, a estação arqueológica de Malessane também desempenha um papel importante para o conhecimento das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique, peculiarmente sobre a dispersão dos grupos falantes de línguas Bantu na África Austral, oriundos da região dos Grandes Lagos na África Central.

O presente trabalho opõe-se ao uso do termo de “Idade do Ferro”, dadas as suas limitações, uma vez que se confunde com algumas sociedades contemporâneas que ainda usam o ferro (Macamo 2009, citando Hall 1987). No seu lugar é usado o termo de Tradições Cerâmicas do I milénio AD, de modo a compreender as sequências culturais e cronológicas das Primeiras Comunidades de Agricultores de Moçambique, a partir da estação arqueológica de Malessane, na Província da Zambézia.

### **Problemática e justificativa da pesquisa**

Na região centro de Moçambique, várias pesquisas foram levadas a cabo por diversos estudiosos (Barradas 1960; Oliveira 1964; Perreira 1966; Santos Júnior 1940 entre outros). Foi neste contexto que foi possível a identificação de diversos vestígios de cerâmica na encosta do monte Malessane, no distrito do Gurué e nas estações arqueológicas do Vale de Zambeze, na província de Tete (Rodrigues 1998: 257- 269).

Os novos dados arqueológicos, juntamente com os dados históricos e informações etnográficas, justificaram a necessidade da realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas na região do Zambeze, com o objectivo de compreender melhor o processo histórico sobre a migração e povoamento das comunidades falantes de línguas Bantu durante o Primeiro milénio AD. Os estudos efectuados anteriormente na estação arqueológica do Gurué (ver Rodrigues 2006), concluíram que, este local apresenta um grande potencial

arqueológico para a compreensão da “Idade do Ferro Inferior” em Moçambique, sobretudo num olhar regional da África Austral.

Importa salientar que a estação de Malessane foi identificada na sequência de trabalhos do campo e referenciado após a análise da cerâmica recolhida, tendo fornecido novos dados sobre a expansão das comunidades falantes de línguas Bantu, na África Austral. A cerâmica recolhida na estação do Malessane e os vestígios da fundição do ferro permitem levantar questões relativamente ao estabelecimento das comunidades Bantu no início da “Idade do Ferro” africana nos planaltos de Moçambique. Neste sentido, o estudo problematiza o termo “Idade do Ferro” para em seu lugar usar o termo “Comunidades de Agricultores e Pastores”, por ser o que mais clareza possibilita para a compreensão dos processos do seu desenvolvimento global, para além do próprio utensílio de ferro, integrando ainda as Tradições Cerâmicas. O termo Comunidades de Agricultores e Pastores é também usado no curso de Arqueologia e Antropologia para designar os utilizadores do ferro, mas sem serem limitadas ao tipo de utensílio usado, conforme Solange Macamo (2022).

É neste sentido que se coloca a seguinte pergunta de partida:

- *Até que ponto a estação arqueológica de Malessane auxilia na compreensão das tradições Cerâmicas das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique?*

## **Objectivos da pesquisa**

### **Objectivo geral**

Interpretar a estação arqueológica de Malessane no contexto das Tradições Cerâmicas do I milénio AD.

### **Objectivos específicos**

Definir os conceitos ligados às Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores

Apresentar os antecedentes sobre o estudo da estação arqueológica de Malessane

Caracterizar o contexto geográfico e arqueológico da estação arqueológica de Malessane  
Interpretar as Tradições Cerâmicas relacionadas com a estação arqueológica de Malessane  
Perceber o movimento de dispersão dos povos falantes de línguas Bantu

## **Metodologia**

O presente estudo procura responder à questão acima colocada com base na cerâmica de Malessane e examina as suas características decorativas associadas às tradições cerâmicas, assim como à sua distribuição geográfica e sequências cronológicas em Moçambique e na África Austral, no geral. Estes constituem elementos importantes para a compreensão da questão da dispersão das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique. Esta análise, parte do trabalho realizado por Maria da Conceição Rodrigues, como uma importante contribuição para a reflexão apresentada.

O estudo procedeu-se em três etapas, a primeira das quais consistiu na pesquisa bibliográfica realizada na biblioteca do DAA-UEM, a fim de se poder recolher informações que sustentam o debate levantado em torno da interpretação da estação arqueológica de Malessane.

A segunda fase centrou-se na interpretação das tradições cerâmicas do I milénio AD, com base no trabalho arqueológico realizado por Maria Rodrigues (2006).

A terceira etapa consistiu na compilação dos resultados obtidos em forma da presente monografia.

O primeiro capítulo que se segue apresenta a revisão da literatura para auxiliar no alcance dos objectivos deste trabalho, onde são definidos os conceitos usados e salientadas as principais publicações sobre o tema escolhido.

## I CAPÍTULO

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 1.1. Definição dos conceitos usados

O tema abordado no presente estudo, está enquadrado num conjunto de conceitos que, diferentes autores (Macamo 2003, Meneses 2002, Morais 1988, entre outros arqueólogos) abordam, de forma diversificada ou complementar e por vezes também coincidem. Contudo, estes conceitos alicerçam-se na minha reflexão e na compreensão sobre as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores falantes de línguas Bantu em Moçambique, a partir da olaria achada no bairro Malessane, atual cidade do Gurué, na Província da Zambézia: Malessane.

**Cerâmica** - É o barro depois do aquecimento a uma temperatura superior a 400° C suficientemente elevada para poder provocar uma alteração química, ou seja a expulsão da água das moléculas da argila. O barro é misturado com uma quantidade de matéria arenosa chamada têmpera. A têmpera pode ser

de palha, pó de areia, pedras, conchas ou mesmo cacos reduzidos a pó (Macamo 2003).

**Comunidades de Agricultores e Pastores** - Esta designação foi dada pelos arqueólogos, na África Austral, em substituição da clássica "Idade do Ferro" (Adamowicz 2003: 26; Macamo 2003: 27) vista como uma etapa do desenvolvimento social, em que passa a existir sedentarização e desenvolver-se à agricultura de produção de cereais, onde grande parte dos instrumentos de trabalho foram fabricados em metal, especialmente de ferro (Meneses 2002: 91). Este período Meneses (2002: 91), está associado com o fabrico da cerâmica (Meneses, 2002: 91), assim como com utensílios de ferro, como enxadas e com as habitações de *dhaka*<sup>1</sup>.

**Idade do Ferro** - "Na região Austral de África conhece-se grosso modo o período do ferro, no contexto do desenvolvimento tecnológico da idade dos metais (cobre, bronze e ferro). A Idade de Ferro é caracterizada pela utilização maciça de instrumentos fabricados deste metal, subdividindo-se em: Idade do Ferro Inferior e Idade do Ferro Superior. A Idade do Ferro, é muitas vezes, definida pelas culturas ou tradições. Para a região da África Austral, vários investigadores preferem o uso do termo Comunidades de Agricultores e Pastores, no lugar da Idade do Ferro (Macamo 2003). Contudo, na região da África Austral e particularmente em Moçambique vários arqueólogos preferem o uso do termo Comunidades de Agricultores e Pastores, no lugar da Idade do Ferro. Por isso, neste trabalho foi igualmente adoptado este termo.

**Kwale** - É uma estação arqueológica encontrada no Quênia, cuja olaria é datada de 100-200 A.D. Tem formas aparentadas com Urewe (Tanzânia), distribuindo-se por toda a costa oriental, sendo representada pela olaria canelada de decoração com incisões. A distribuição de olaria aparentada evidencia a expansão de um grupo Bantu ao longo da costa Oriental da África e por uma pequena faixa interior acompanhando o Lago Niassa. A sul é evidenciada por estações com olaria característica de Matola (Macamo

---

<sup>1</sup> "Termo de origem Nguni, que significa argila dura. A sua função é de barrear ou maticar soalhos e paredes de certas construções como a maioria das palhotas em Moçambique "(...)" (Macamo 2003: 30)

2003:40). No contexto das tradições cerâmicas, estabelece-se uma relação entre a estação de Gurué com Kwale e também com Matola, conforme Morais (1988), citando Liesegang (com. pessoal).

**Migração Bantu** - O conceito de migração exprime uma mudança na relação que existe entre os homens, o espaço e o tempo, o que supõe uma alteração desta relação (Idem). Neste sentido geral, é então preferível empregar a expressão movimento populacional. Segundo Cruz e Silva (1978:2) as populações falantes de línguas Bantu migraram de um centro comum cuja localização é hoje em dia objecto de diversos estudos com base nos dados fornecidos pela arqueologia, linguística e antropologia. A nível do DAA iniciou-se uma discussão, que dá preferência ao uso do termo dispersão Bantu, no lugar da migração, segundo Solange Macamo (comunicação pessoal 2023). Ela acrescenta que o termo dispersão evita a confusão com as actuais migrações.

**Nkope** - Estação arqueológica das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, que se localiza no Maláwi. Representa a Tradição arqueológica que se dispersa ao longo das margens do lago Niassa, evidenciada no Monte Mitukwe em Moçambique (Macamo 2003: 52).

**Tradição** - É um *continuum* de mudanças culturais graduais através do tempo, representando o desenvolvimento sequencial de uma dada cultura (entendida como um conjunto repetitivo de uso de utensílios, designadamente a cerâmica) por (Meneses 2002: 181). Segundo Ricardo T. Duarte (1988), o termo provém do latim “traditione”, sendo entendido como hábito, transmitido de pais para filhos, especificamente a forma como a cerâmica é decorada.

**Tradição arqueológica/Tradição cerâmica** - como explica Meneses (2002: 182), a Tradição arqueológica refere-se a conjunto de indústrias, cujas similaridades a nível dos artefactos são suficientes para sugerir que as mesmas pertencem a um bloco histórico e cultural mais extenso, com práticas e ideias tecnológicas próprias. Ela associa este termo a um tipo de artefacto ou local, onde uma dada tecnologia se desenvolveu. Para Macamo (comunicação pessoal, em 2023) o nome de uma Tradição arqueológica é

atribuído a partir da primeira estação onde os tipos característicos da mesma tradição foram achados. Contudo, na generalidade tem sido comum o uso do termo Tradição Cerâmica: “Uma tradição cerâmica distingue-se da outra com base nos atributos dos motivos de decoração e forma dos artefactos, como acontece na olaria” (Macamo 2003: 66). Por conseguinte, neste trabalho será também usado o termo Tradição Cerâmica para a interpretação da estação arqueológica de Malessane.

## **1.2. História da Investigação**

Com forme Martinez *et al.*, (2013: 3) a estação arqueológica do Malessane foi descoberta em Agosto de 1964 por Santos Júnior no âmbito da Missão Antropológica em Moçambique, devido à abertura de um campo de estrada no povoado de Malessane, Distrito de Gurué, província da Zambézia. Em 2006, apresentam-se os resultados finais sobre a análise da cerâmica do sítio de Malessane, por Maria da Conceição Rodrigues em sua tese de doutorado de 2004.

As informações sobre a estação de Malessane, foram actualizadas na obra de Martinez *et al.* (2013: 3), que se refere à sua descoberta, conforme acima mencionado. Actualmente, os resultados da investigação na estação arqueológica do Malessane tem sido um dos objectos de estudo na disciplina de Comunidade de Agricultores e Pastores em Moçambique, na UEM, leccionada por Solange Macamo para a interpretação e compreensão do movimento da dispersão dos povos falantes de línguas Bantu em África e em particular em Moçambique durante o I milénio AD.

## **1.3. Contexto Arqueológico**

De acordo com Morais (1984), os estudos sociais sobre a população nativa em Moçambique foram realizados sob o regime colonial etnocentrista, o que resultou na desvalorização do passado anterior à chegada dos portugueses (Morais 1988: 40).

Embora as fontes depois do século XV tenham sido elaboradas sob o etnocentrismo português é necessário salientar o crescente interesse e contribuições valiosas feitas até então. Estes esforços foram, na sua maioria, resultantes de devoção de amadores e patrocinados por instituições portuguesas (Idem). Muitos dos artigos foram publicados nas Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique; no Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique; no Jornal do Governo Colonial de Moçambique, na Revista Monumenta e na Comissão Periódica de Monumentos.

Em 1936, Santos Júnior (1940, 1950) começou a trabalhar na pré-história do centro de Moçambique dentro de um projecto chamado Missão Antropológica de Moçambique.

Santos Júnior realizou os estudos na estação arqueológica de Malessane, em 1964 cujos resultados foram publicados na Revista Monumenta em Moçambique. A presença de evidências de cerâmica, escória de ferro e carvão vegetal foi o que chamou a atenção de Santos Júnior que conseguiu escavar duas pequenas trincheiras. O carvão forneceu uma datação radiocarbônica (ICEN-132 1740 ± 40) calibrado para 212-409 cal AC (Martinez *et al.*, 2013: 3).

As evidências arqueológicas escavadas foram transportadas para Portugal e guardados no acervo do seu Instituto de Investigação Científica Tropical, servindo de base, posteriormente para a publicação de Maria da Conceição Rodrigues (2006), cuja interpretação procede no capítulo 3.

Paralelamente, no período pós-independência, foram realizados mais trabalhos arqueológicos detalhados e associados ao contexto das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique pelos arqueólogos como, Adamowicz (1987). "Projecto Cipriana, 198-1985: *Contribuição para o Conhecimento da Arqueologia Entre-Os-Rios Lúrio e Ligonha, Província de Nampula*"; Duarte (1988), "*Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique*"; Garlake (1976), "*An Investigation of Manekweni, Mozambique*"; Madiquida (2007). "*The Iron-using communities of the Cape Delgado coast from AD 1000*"; Macamo, 2006 "*Privileged Places in South Central Mozambique*", entre outros.

Importa referir que no período acima referido, as investigações arqueológicas em Moçambique tiveram o seu maior enfoque no estudo das Comunidades de Agricultores e Pastores. Houve a necessidade de obter material arqueológico ilustrativo para o sistema de educação que vigorava nas décadas 70 e 80, com o objectivo de treinar arqueólogos moçambicanos sobre a pré-história (Sinclair 1993: 410-413).

Neste contexto, em 1975 foi descoberta a estação arqueológica de Mavita por Ricardo Teixeira Duarte e Maria da Luz Duarte, aquando das pesquisas levadas a cabo na província de Manica (Duarte 1988: 57-59). Essas pesquisas foram financiadas pelo Projecto SIDA/SAREC, em 1978. Uma das componentes importantes da pesquisa arqueológica foi trazida através dos estudos cerâmicos que ajudaram a definir tradições e sequências cronológicas (Macamo & Ekblom 2005: 125). A identificação das tradições cerâmicas de Moçambique com ligação a uma vasta região da África Austral foi essencial para a melhor definição das identidades culturais e a sua ligação no espaço, como testemunham, as pesquisas realizadas na estação arqueológica da Matola (Macamo 2009: 161).

Em 2002 foi desenvolvida a investigação do Vale do Zambeze no âmbito do projecto: "The Zambeze Valley Pilot Project", por Solange Macamo e Hilário Madiquida (2004); Madiquida (2015: 23). As escavações realizadas na estação arqueológica de Degue-Mufa, no Vale do Zambeze forneceram informações valiosas sobre o comércio à longa distância da porcelana Chinesa e Inglesa (Macamo 2006: 161).

Em 2003, Hilário Madiquida levou à cabo o projecto "The Zambezi Valley and the Indian Coast: Changes in settlement patterns, trade and political power (0 1900 AD)" (Madiquida 2015: 13). Consequentemente, a região do baixo Zambeze foi alvo de estudos com o objectivo de localizar e identificar as zonas habitadas pelas Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores. Durante este trabalho foi descoberta a estação arqueológica de Lumbi, através de vestígios de cerâmica que foram sujeitos a uma análise comparativa com a cerâmica identificada nas estações arqueológicas de Chinde e Sena. Estas evidências mostram que, o Vale do Zambeze foi uma

das áreas de comércio historicamente activa, pelo facto de ter sido um ponto de encontro de diferentes povos, desde os caçadores e recolectores, passando por povos falantes de línguas Bantu que dominaram toda esta região, seguidos pela presença Árabe até a chegada dos Europeus. É também no Vale do Zambeze onde se localiza a estação arqueológica de Malessane.

O capítulo seguinte visa a caracterização da estação arqueológica de Malessane, no seu contexto geográfico, cronológico e da natureza dos vestígios arqueológicos nela identificados.



## CAPÍTULO II

### CARACTERIZAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE

O presente capítulo objectiva descrever a região de Namúli, no bairro Malessane, província da Zambézia, apresentando as suas características físico-geográficas, assim como, as pesquisas arqueológicas efectuadas por Santos Junior em 1946, tendo como referência principal o trabalho de Maria Conceição Rodrigues (2006), obra que tenho vindo a citar.

#### 2.1. Caracterização geográfica da área de estudo

##### 2.1.1. Localização

O distrito de Gurué localiza-se a Norte da província de Zambézia, na região da alta Zambézia, fazendo limite com os distritos de Milange, Namarroi, Errego e Alto Molocué na mesma província, limitando-se ao norte pelos distritos de Malema na província de Nampula e de Mecanhelas na província de Niassa (Figura 1; MAE 2005: 2).

A estação de Malessane fica no Noroeste da província da Zambézia, no bairro de Malessane, próximo da cidade do mesmo nome (Figura 2), numa área montanhosa, no Norte de Moçambique. Localiza-se na folha n.º 43 da carta de Moçambique, na escala de 1:250.000, com as seguintes coordenadas geográficas: Longitude Este 36º 58' e Latitude Sul 15º 28'.

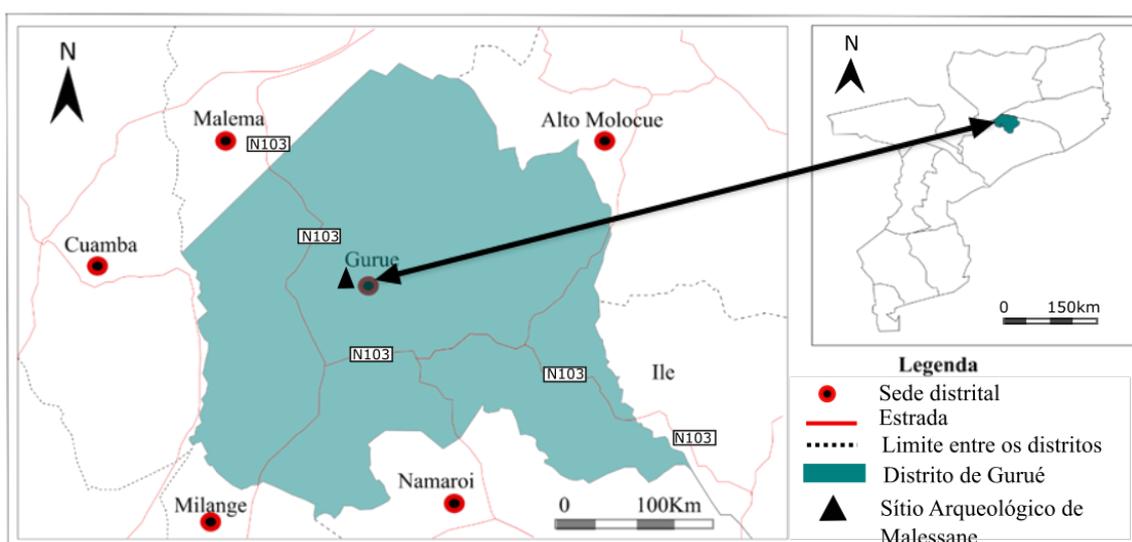


Figura 1. Localização do sítio arqueológicos de Malessane, (Por Hamido Atuia 2022)

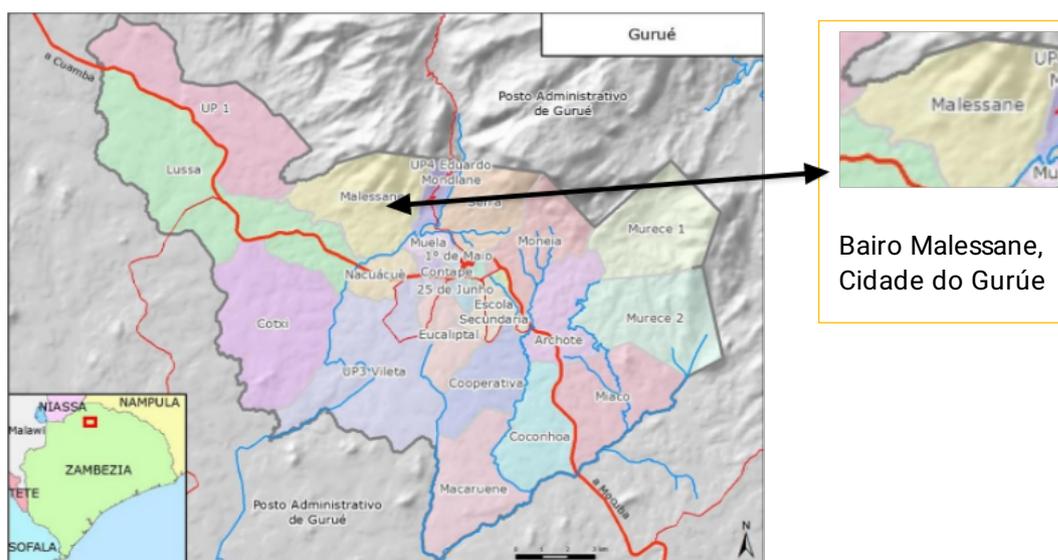


Figura 2. Divisão administrativa da Cidade do Gurué, distrito do Gurué, Zambézia (Fonte: MAE 2005: 25).



Figura 3. Posto Administrativo de Malessane em 1964, distrito do Gurué (Fonte: Rodrigues 2006).

A cidade do Gurué, fica situada na base dos montes Namúli ou Namulia, na sua parte mais húmida; a povoação localiza-se a 650 m de altitude e não muito distante das magníficas quedas de água do rio Licungo, com os seus 1300 m de altura (Gomes & Sousa, 1947) citados por Rodrigues (2006: 418: 419).

### 2.1.2. Relevo e vegetação dominante

Como descreve Rodrigues (2006), Malessane pertence à região montanhosa com uma vegetação de tipo Miombo de alta pluviosidade, dado registrar uma das maiores quedas pluviométricas, cujos valores atingem por ano mais de 2000 mm. Apesar da inclinação do relevo, Gurué está protegido contra a erosão devido ao revestimento florístico, em que predominam as plantações de chá (Rodrigues 2006: 419). Esta era uma pequena vila enquadrada numa bela paisagem verdejante, com os extensos campos de cultivo de chá e pertencia ao Posto Administrativo de Mutuáli (Santos Júnior: 1946).

O Gurué é uma zona de altitude média (Figura 3), sendo a estrutura do solo muito rica em matéria orgânica para a produção agrícola, atingindo por vezes uma grande altura resultante da decomposição vegetal, especialmente na área que circunda a serra. No subsolo, a camada é argilosa, e regista-se também a presença de granito do tipo biotítico e gnaisse (Rodrigues 2006: 419).



Figura 4: Vegetação e relevo do distrito de Gurué (Fonte: <https://Tsevele.co.mz/index.php/artigos/item/211-montes-namuli-o-berco-dos-povos->

makhuwas- e- lomwes).

## **2.2. Caracterização dos vestígios arqueológicos e período da ocupação da estação arqueológica de Malessane**

A boa localização da estação arqueológica de Malessane e das condições de habitabilidade permitiu a sua ocupação pelas comunidades da Idade do Ferro Inicial (Rodrigues 2006: 416). Segundo Rodrigues (2006: 416), esta estação é tida como a mais antiga e foi reocupada na fase inicial da difusão Bantu por comunidades portadoras de novos conhecimentos, como sejam, a metalurgia, a agricultura e a manufactura de cerâmica, e já semi-sedentarizada depois de se expandirem ao longo dos planaltos do Norte de Moçambique e vindos através da Tanzânia. Estas áreas teriam sido ocupadas anteriormente por comunidades de caçadores e recolectores, mas percorridas pelas comunidades da Idade do Ferro Inicial, em direcção aos rios Zambeze e Shire (Malawi).

No campo da análise do povoamento, o resultado da informação arqueológica mostra que a estação de Malessane foi ocupada nos inícios da expansão Bantu, com base no potencial informativo proporcionado principalmente pela tipologia da cerâmica e de um pequeno elemento que tudo aponta documentar actividades metalúrgicas, além do carvão para datações do Carbono 14.

Neste sentido, Rodrigues (2006) concluiu que a presença da cerâmica tradicional na estação é também um dado significativo, porque a reconstituição da expansão das Comunidades da Idade do Ferro tem-se baseado no estudo deste tipo de testemunhos. A sua manufactura e utilização por populações nómadas seria mais limitada, o que permite considerar que, nos inícios da Idade do Ferro, mais precisamente até aos meados do I Milénio d.C., a estação estava ocupada por comunidades de línguas Bantu, já semi-sedentarizadas e localizadas numa área montanhosa e próxima de um curso de água, elemento vital para a sua sobrevivência. A presença da cerâmica sugere o aperfeiçoamento na confecção dos alimentos e o armazenamento e conservação dos produtos agrícolas.

Como explica Rodrigues (2006: 442), com base nos dados fornecidos pela intervenção arqueológica de salvaguarda, o tipo de conhecimentos obtidos é

condicionado porque a camada arqueológica foi cortada com a abertura da estrada e parece que apenas se puderam analisar os cortes. Além disso, segundo ela, não se sabe como seria na realidade a estação, dado o limitado tempo dado para a realização do trabalho de campo.

Contudo, os resultados obtidos através das datações de Radiocarbonos, pode-se compreender que a estação do Gurué se enquadra na fase inicial da Idade do Ferro Inferior AD. Segundo (Rodrigues 2006: 446).

A presença de recipientes de colos biselados bem definidos, além de bandas de motivos impressos, que apresentam também temáticas decorativas classificadas como atributo tipológico, revela-se, quanto à organização espacial, bem característica do ramo das cerâmicas da tradição de Urewe da Idade do Ferro Inferior. Isto leva a considerar que os fabricantes desta cerâmica pertencem ao mesmo grupo ancestral que engloba os primeiros agricultores de língua Bantu do Este, que produziam o ferro e faziam parte do Complexo Chifumbazi (Huffman, 1989: 65; Phillipson 1994: 192 citados por (Rodrigues 2006: 446).

De acordo com Rodrigues (2006) a datação foi obtida a partir de uma larga quantidade de madeira carbonizada recolhida no Corte 2 e que estava associada à cerâmica, tendo sido determinada pelo Método de Radiocarbono, cujo resultado aponta para o início da expansão Bantu. A data calibrada foi obtida pela curva de Klein *et al.* (1982, p. 103-150), citados por Rodrigues (2006). Consequentemente, o resultado permite saber que a estação do Gurué terá sido ocupada entre 238 e 421 d.C (Idem).

Todavia, Rodrigues (2006), compreende que, não se sabe se os habitantes da estação de Malessane teriam trazido animais domésticos, nomeadamente caprinos, bovinos e galinhas, mas o local ocupado seria favorável ao seu bom desenvolvimento, bem como à prática da agricultura. Porém, as suas actividades estão documentadas pela manufactura de cerâmica e pela metalurgia, produção que se terá revelado fundamental para garantir uma agricultura de subsistência e uma semi-sedentarização, sendo muito provável que muitos destes povos Bantu tivessem continuado a caminhar para Sul em direcção ao rio Zambeze e ao rio Shire.

A caracterização dos elementos geográfico-ambientais e dos trabalhos arqueológicos realizados na estação arqueológica de Malessane, dando informação sobre o período da sua ocupação, efectuada por Conceição Rodrigues, permite a interpretação dos resultados obtidos no capítulo que se segue. Esta interpretação utiliza o termo de Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, no lugar de Comunidades da Idade do Ferro, tendo como base as Tradições Cerâmicas que foram identificadas.

### **CAPÍTULO III**

#### **INTERPRETAÇÃO DAS TRADIÇÕES CERÂMICAS DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MALESSANE**

Este capítulo interpreta as tradições cerâmicas associadas com a estação arqueológica de Malessane. Faz-se a comparação dos elementos de análise da cerâmica, como as técnicas de decoração e a morfologia das Tradições Cerâmicas, que foram identificadas. É também adoptado o termo de Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, proposto neste trabalho.

A análise da cerâmica da estação arqueológica de Malessane é baseada no trabalho de Conceição Rodrigues (2006), sendo actualizada por Martinez *et. al.* (2013). Contudo, aqui é usado o termo de Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, que foi proposto neste trabalho.

De referir que a ausência da cerâmica de Malessane no espólio do laboratório do DAA dificultou o aprofundamento da sua análise, como seria de desejar, mantendo-se o autor fiel à informação publicada por Conceição Rodrigues (2006).

##### **3.1. Análise da cerâmica da estação arqueológica de Malessane, por Conceição Rodrigues (2006)**

Rodrigues (2006) analisou 22 fragmentos que representam (17%) e apresentam uma significativa diversidade em relação à decoração, sendo esta marcada na pasta. Quanto a localização, a decoração ocorre no bordo, colo e bordo ao fundo, mostrando, além de uma grande perfeição na sua realização, a excelente qualidade plástica da matéria-prima (Rodrigues 2006).

##### **Tipos decorativos**

A cerâmica da estação arqueológica de Malessane é caracterizada por cerca de (9,1%) em técnica de impressão, surgindo isoladamente (Figura **B**). Por cerca de 22,7% de técnica de incisão, definindo planos em bisel que modelam a linha do bordo e múltiplas caneluras largas e traços em curva na horizontal (Figura **C** e **A**) (Rodrigues 2006:432). Por impressão de pente de oleiro, com diferentes tipos de denteado e também com incisões, ou com impressões,

obtidas com um pequeno estilete. (Rodrigues 2006: 432- 433). Também por cerca de 68,2% de técnica mista (Figuras **D, E, K, F, J, G, L, H, C e I**) (Rodrigues 2006:433). Múltiplas linhas de incisões e sulcos triangulares paralelos (Figura **D**).

Banda horizontal de motivo floral impresso disposto no início do bojo, e impressões em forma de cálice.

Banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio modelando o bordo, a que se segue uma faixa decorada com tracejado inciso na oblíqua e circunscrita por tracejado largo na horizontal, que marca o início da pança. A pança é inteiramente modelada por caneluras largas até à base, em que só se dispõe da pança e início da base, colo, bojo e fundo. Caneluras múltiplas na horizontal, traços na oblíqua e na horizontal (Rodrigues 2006: 433).

Banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo; a que se segue uma faixa decorada com tracejado inciso na oblíqua e circunscrita por traçado em grinalda na horizontal, que marcam o início da pança. A pança é parcialmente modelada por caneluras largas na oblíqua, também circunscritas por uma canelura em curva colo e bojo. Caneluras múltiplas na horizontal e na oblíqua, traços na oblíqua e em curva na horizontal (Figura **E e A**) (Rodrigues 2006:433).

Banda horizontal de caneluras definindo um duplo bisel (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo a que se segue uma faixa larga decorada com impressões oblíquas de pente de oleiro com variantes (as impressões são dirigidas para a esquerda); a qual é circunscrita: por traços curvos incisos na horizontal; ou por impressões de ponteados alongado e contínuo na horizontal; traços incisos contínuos em grinalda na horizontal, os quais marcam o contacto colo-pança, colo e bojo. Caneluras duplas na horizontal, múltiplo denteado na diagonal e traços curvos na horizontal, variantes: (Figuras **G, L, H, I**) (Rodrigues 2006: 440).

Banda horizontal de caneluras definindo um multibiselado (variante de incisão) desde o lábio modelando o bordo, a que se segue uma faixa

decorada com impressões oblíquas de pente de oleiro com variantes: faixa estreita e não circunscrita no contacto colo-pança; faixa larga e circunscrita por traços curvos contínuos na horizontal marcando o contacto colo-pança, colo e bojo. Caneluras múltiplas na horizontal, pluridentado na diagonal e traços em curva na horizontal (Figuras **K e J**) (Rodrigues 2006: 440).

Banda horizontal de caneluras largas definindo um multibiselado (variante de incisão) desde o lábio e que modelam o bordo, a que se segue uma faixa lisa e no contacto colo-pança, impressões de ponteadado alongado e descontínuo na horizontal no colo e bojo. Caneluras múltiplas e traços em curva na horizontal (Figura **C**) (Rodrigues 2006: 440).

Banda horizontal de impressões ligeiramente oblíquas de pente de oleiro desde o início do bordo e circunscritas na transição colo-ombro por impressões definindo linhas quebradas contínuas na horizontal no colo e bojo (Idem).

Multidentado subcircular quase vertical e sulcos angulosos na horizontal; banda de incisões paralelas entre si, mas irregulares e na oblíqua definindo como que zonas subtriangulares no colo, circunscritas por impressões paralelas do tipo dente de lobo e contínuas no que se considera ser início da pança, colo e bojo. Incisões múltiplas e sulcos triangulares paralelos (Figura **D**) (Rodrigues 2006: 441).

Dispõe-se fundamentalmente de dois tipos distintos quanto às técnicas de decoração: as caneluras múltiplas realizadas com os dedos e pouco marcadas na pança de vários recipientes, a par dos biselados bem definidos no bordo de quase todos os recipientes, e a decoração impressa utilizando o designado pente de oleiro de denteado múltiplo (Rodrigues 2006: 441).

### **Tipos Morfológicos**

Conforme Rodrigues (2006), os fragmentos cerâmicos analisados foram definidos em três categorias de diâmetros, nomeadamente: médio que varia entre 10- 11cm (Figuras **E, K, F**) e entre 15- 16cm (Figuras **G e H**). Grande que corresponde a 22cm (Figura **K**) e entre 25- 28cm (Figuras **J e I**) e por último Muito grande, que corresponde 33cm (Figura **C**).

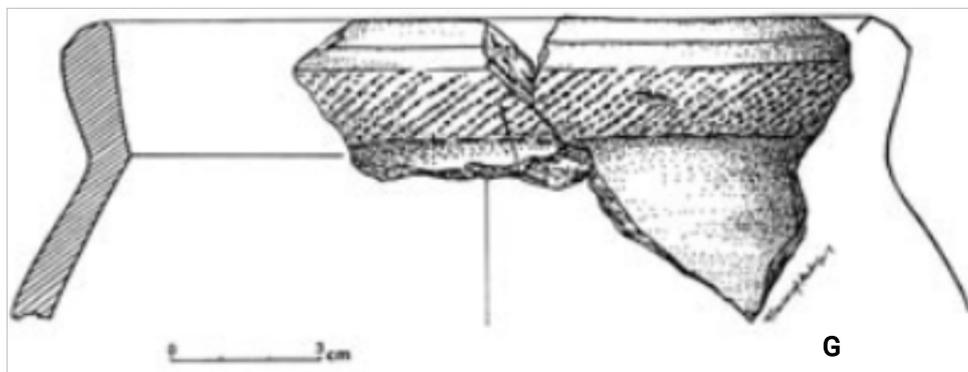
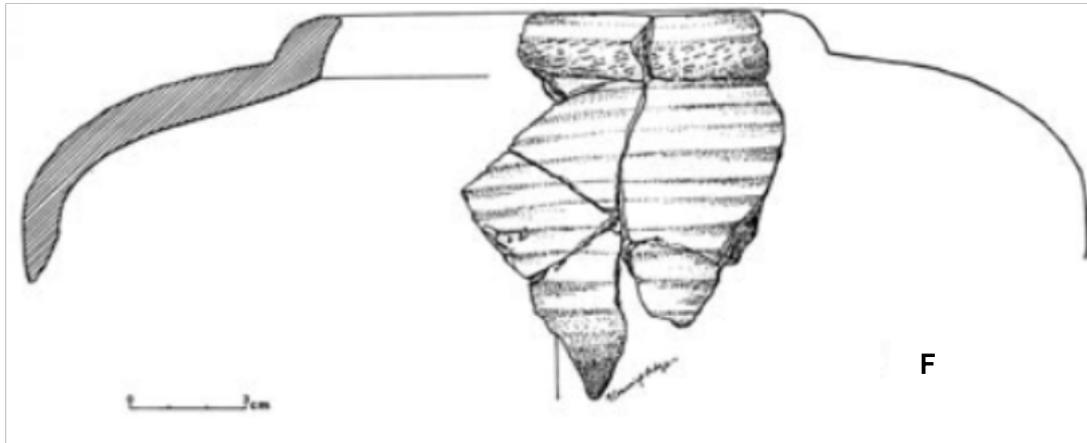
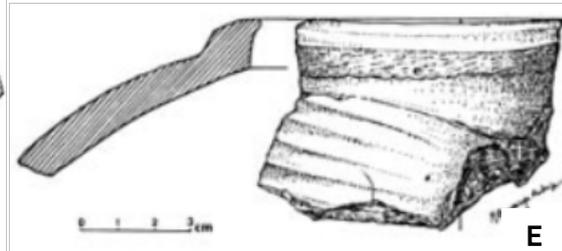
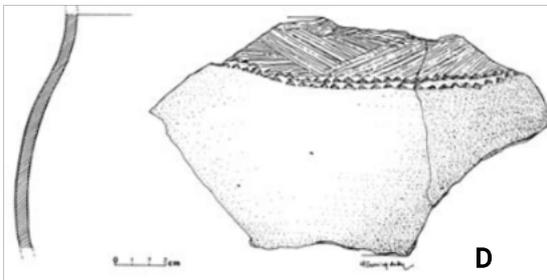
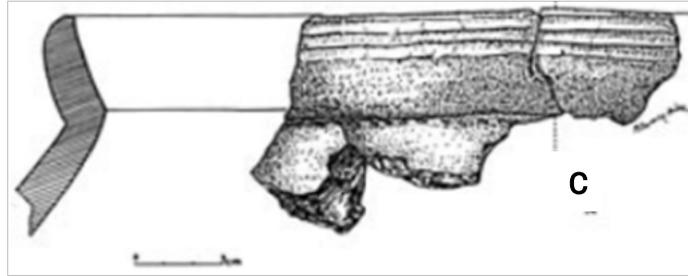
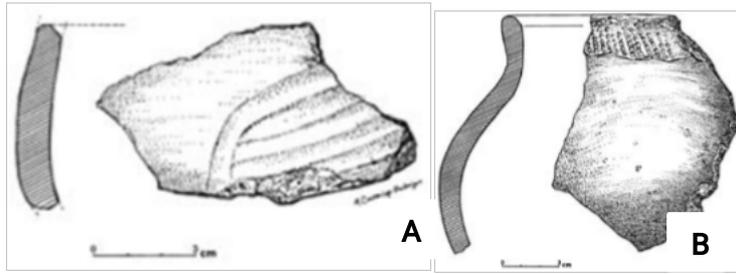
No que refere a espessura dos fragmentos cerâmicos, Rodrigues argumenta que esta foi calculada em função da **dimensão dos bordos, sendo classificada em duas categorias, nomeadamente: paredes médias que varia entre 0,5-1cm (Figura B)**, e paredes espessas que variam entre 1-8 cm (Figuras E, F, J, L, H, C).

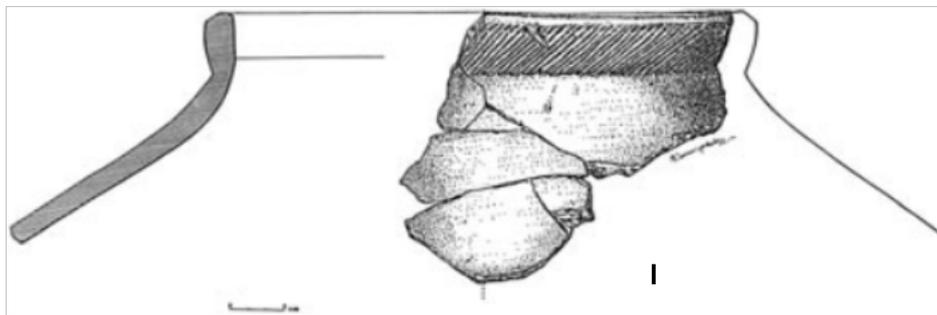
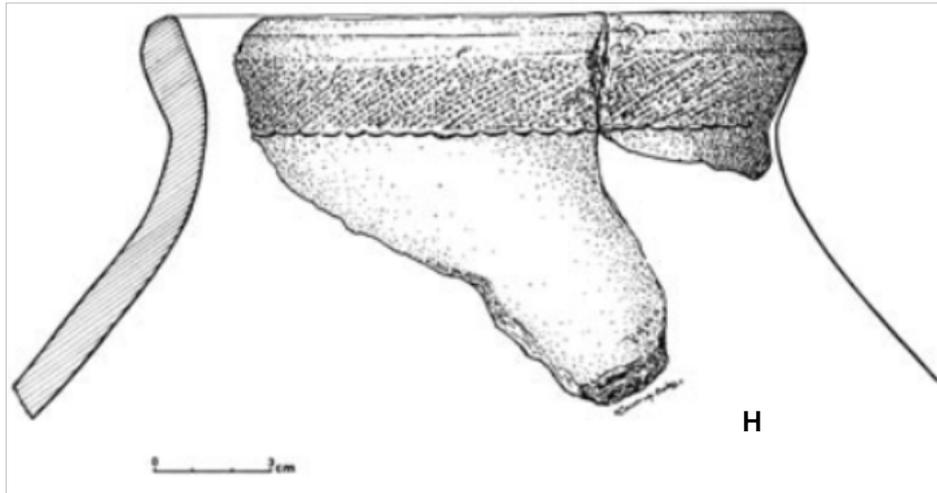
Os lábios foram caracterizados por serem lisos, embora seja possível definir diferentes categorias de acabamento na extremidade das duas faces dos fragmentos. Quanto à forma, os lábios foram agrupados em três categorias a saber: Arredondado/Espessado e Biselado (Figura J), **Arredondado/Biselado (Figuras B e L)**, Biselado com cerca de (40%) (ver Figuras E, K, H, I), Biselado/Adelgado com cerca de 20% (Figuras F e C) e Biselado/Espessado (Figura G).

Quanto a orientação do colo Rodrigues (2006), classificou em três tipos a saber: Colo divergente (Figuras K, J, G, A, L, H, C), **paralelo (Figuras B e I)**, convergente (Figuras E e F).

Em relação a orientação dos bordos, identificou-se a presença de cinco tipos a saber: secante revirado para o interior e perfil exterior facetado convexo (Figura G), secante vertical de perfil exterior multifacetado convexo (Figura J), secante inclinado para o exterior e perfil exterior rectilíneo/sub-rectilíneo (Figura A), secante vertical de perfil exterior rectilíneo (Figura J), secante inclinado para o exterior e perfil exterior arredondado convexo com cerca de 40% (Figuras F, G, H, C e I) (Rodrigues 2006).

Rodrigues (2006), identificou 20 recipientes cerâmicos distribuídos em 4 tipos morfológicos, nomeadamente: recipiente esferóide de bordo fechado e colo convergente, pança bem marcada (Figura E), recipiente globular: de bordo ligeiramente fechado e colo paralelo, sendo que a pança se apresenta bem definida (Figuras B e I) com cerca de 40%, de bordo aberto e colo divergente, com pança bem definida (Figuras L e C), recipiente ovalóide de bordo ligeiramente aberto e colo divergente, pança bem definida (Figuras K, J, G e H). Com cerca de 40%, recipiente elipsóide de bordo fechado e colo convergente, pança bem marcada (Figura F).





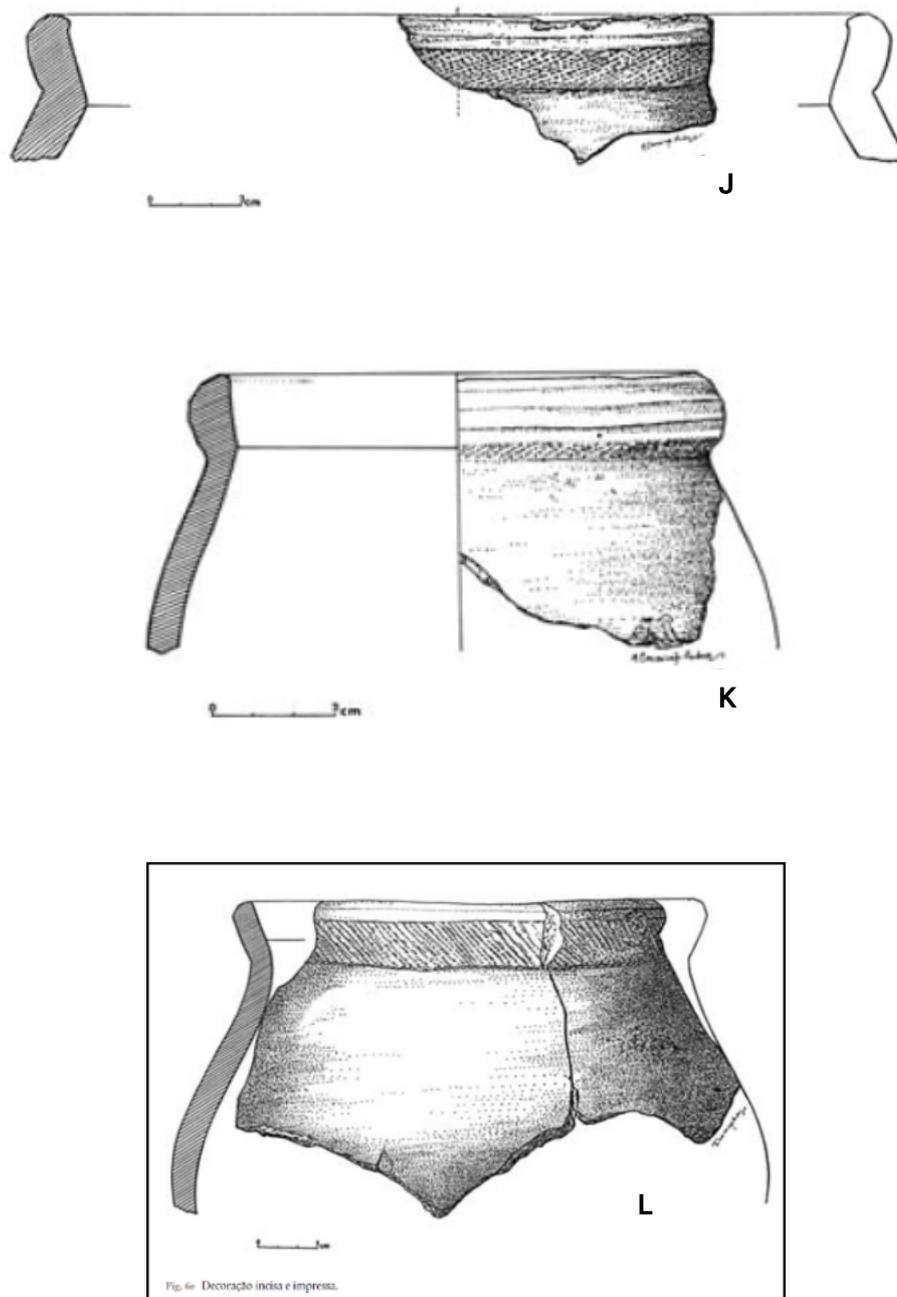


Figura 6. Morfologia e diâmetros da cerâmica “tradicional” recolhida no Sítio de Malessane.

Conforme Rodrigues (2006), percebe-se que, na generalidade, na estação arqueológica de Malessane, as técnicas de decoração consistem em impressões de pente, concha e espinha de peixe, assim como nas linhas de incisão (Tabela 1).

Com base nas descrições feitas por Maria de Conceição de Rodrigues (2006), referentes a decoração da cerâmica identificada na estação arqueológica de Malessane e com base na análise feita nos seus registos gráficos, gerou-se a seguinte tabela que esquematiza as suas características decorativas,

apresentando a técnica, motivo. Composição e localização, de modo a garantir a sua compreensão sistemática.

**Tabela 1. Análise da cerâmica da estação arqueológica do Malessane**

<b>Categoria</b>	<b>Forma do bordo</b>	<b>Decoração</b>	<b>Localização da decoração</b>
Potes e Vasos	Espesso, chanfrado e virado para dentro	Incisão com linhas oblíquas de impressão quadrangular.	No bordo, colo e gargalo

**Tabela 2. Morfologia da cerâmica local recolhida na estação arqueológica do Malessane Fonte: Rodrigues (2006: 434)**

Tipos	Formas	Recipientes cerâmicos - Localização da decoração	Diâmetros (cm)
I	Esferóide	E	1,1 - 10
II	Globular	B, L, I, J	1,5 - 7 1,10 - 22 1,14 - 33 1,19 - 27,5
III	Ovatóide	k, D, G, H	1,2 - 11 1,4 - 25 1,6 - 15,3 1,11 - 15,6
IV	Elipseóide	F	1,3 - 11

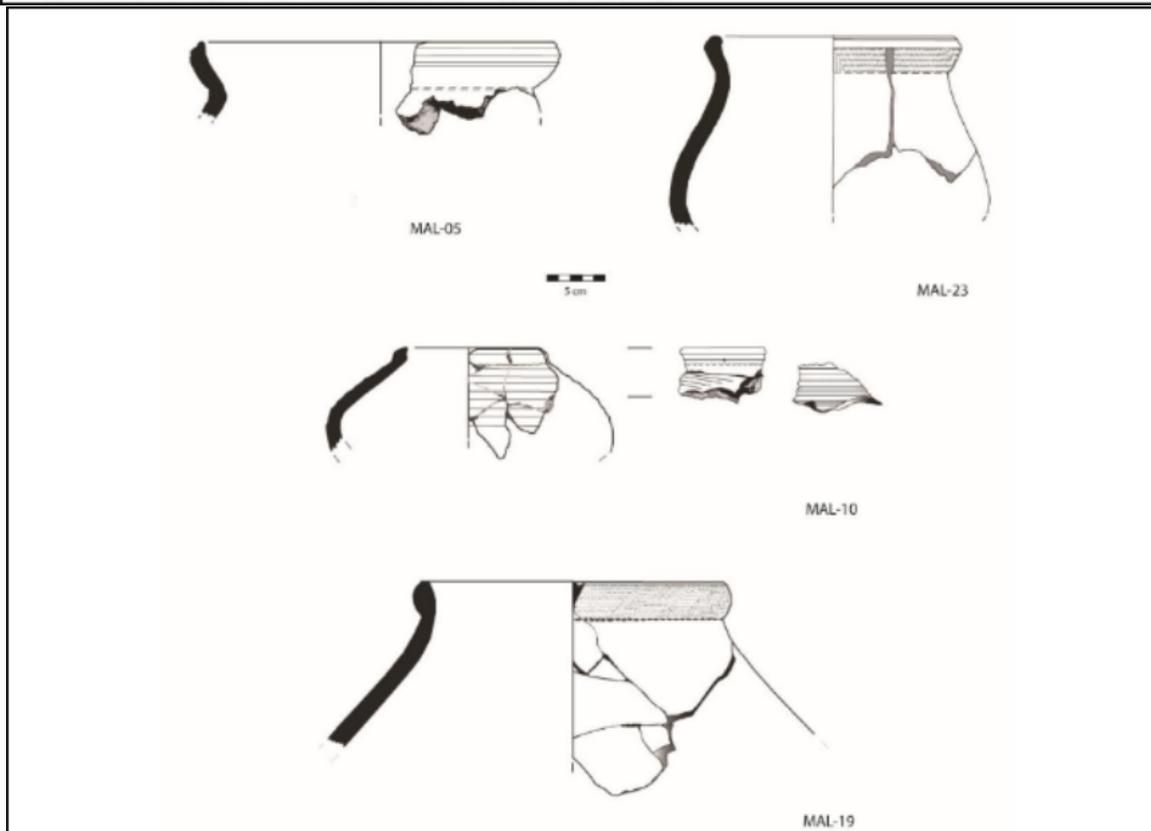


Figura 7. Morfologia da cerâmica local recolhida na estação arqueológica de Malessane.

Fonte: Martinez et al. (2013).

As análises feitas por Rodrigues (2006), indicam que a morfologia e temática

decorativa, de alguns recipientes recolhidos na estação de Malessane assemelham-se à cerâmica do ramo Kwale, assim como de Silver Leaves (Rodrigues 2006: 433).

Estas análises mostram, igualmente, a existência de um recipiente com uma decoração comparada com um exemplar proveniente de Banda Hill (distrito de Mulanje no Malawi) e referenciado como uma variante Nkope por Robinson (1976: 174), citado por (Rodrigues 2006: 443) e, também ao recolhido em Namaso Bay no Sul do Malawi e considerado um tipo do ramo Nkope.

Há relações directas que ligam Nkope com o ramo Kwale, que apresentam também bordos biselados e caneluras no bojo, no âmbito da originária tradição de Urewe e enquadráveis no Complexo Chifumbazi, de acordo com (Phillipson 1994: 195), citado por (Rodrigues 2006: 443). O mesmo se verifica com a cerâmica recolhida na estação de Silver Leaves, na base da montanha de Drakensberg (Klapwijk e Huffman, 1996) e em Matola IV no Sul de Moçambique (Cruz e Silva, 1976), que são consideradas estações paradigmáticas ou emblemáticas das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD (Idem).

## **3.2. Interpretação das tradições cerâmicas identificadas**

### **3.2.1. Tradição Nkope**

No dizer de Thomas Huffman (1982: 135), a olaria da estação de Malessane pertence à Tradição Nkope, que incorpora as estações arqueológicas do Sul de Malawi e do Este da Zâmbia. Estende-se a partir do extremo Sul do Lago Malawi em direcção ao rio Zambeze, a Oeste na Zâmbia e a leste em Moçambique. Esta tradição é datada entre os séculos IV-X AD (Robinson 1970, 1973 e Phillipson 1976 citados por Moiane 2019: 34). Este tipo de cerâmica aparece fortemente no século V AD. A fase mais antiga foi encontrada no leste da Zâmbia.

O mesmo campo de análise é partilhado por Martinez *et al.*, (2013: 7), no qual compreende que a cerâmica de Malessane embora tenha semelhanças gerais com Riane, na Província de Nampula, está muito mais próxima da Tradição

Nkope do ramo do Este.

Segundo Rodrigues (2006: 445), a cerâmica do ramo Nkope achada na baía com o mesmo nome no Sul do Malawi por Robinson em 1973, é considerada como proveniente do núcleo das terras altas, tendo sido encontrada também no Este da Zâmbia, datando a fase mais antiga do século V (Huffman, 1989: 65) citado por (Rodrigues 2006: 445).

**Tipologicamente**, a cerâmica do tipo Nkope é caracterizada por potes globulares com uma borda engrossada, estreita e evertida. Cerca de 48% da decoração dos bordos consistem em estampagem de pente e cerca de 50% em incisão cruzada e oblíqua, os restantes em incisão cruzada (Robinson 1976: 167) citado por (Moiane 2019: 35). Cerca de 50% de lábios são frequentemente decorados por sulcos, canalizações ou chanfraduras. Em alguns casos, os potes mostram uma tendência para um pescoço (Idem). A decoração de canalização na banda da borda ou abaixo dela é rara, mas pode ocorrer no ombro. Os motivos angulares são usuais, os desenhos curvilíneos são menos comuns e, quando ocorrem, tendem a ser restringidos na forma (Idem).

As taças (tigelas) representam cerca de 80% do total dos fracos em Nkope Bay. A forma

hemisférica é usual, mas há variação considerável na forma da borda. Há três tipos principais de bordo: espessados e chanfrados (63%), espessados e virado para dentro (33%) e arredondados (Idem). As bordas viradas para dentro, estão quase sempre cobertas com canalizações horizontais e flutuação (caneluras), geralmente combinadas com uma decoração impressa ou incisa na, ou abaixo da borda. Além disso, os bojos moldados as vezes ocorrem (Idem).

Huffman (1989: 65) citado por (Moiane 2019: 35) refere que esta tradição distingue-se pelas múltiplas facetas nos lábios dos vasos e pela linha larga de incisão curvilínea. Um tipo típico de pote complexo têm um lábio facetado, borda decorada por incisão cruzada ou estampada, seguido por incisão ampla no gargalo e linhas curvas no ombro (Idem).

**Tabela 3. Características da cerâmica da Tradição Nkope**

Categoria	Forma do bordo	Decoração	Localização da decoração
<i>Tigelas</i>	Espesso, chanfrado e virado para dentro	Estampagem de pente e incisão cruzada e oblíqua	No bordo e no pescoço

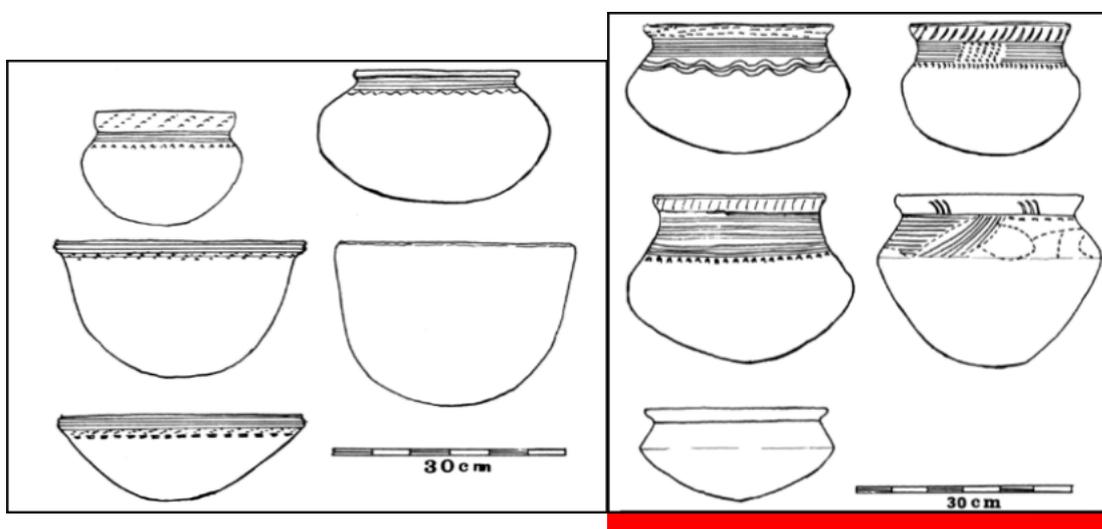


Figura 8. Variantes dos motivos decorativos da cerâmica da Tradição Nkope, no Sul do Malawi (Robinson 1972: 172).

### 3.2.2. Tradição Kwale

O tipo de cerâmica designada por Tradição Kwale foi descoberto perto de Mombasa, no sudeste do Quênia e no nordeste da Tanzânia, sendo descrita pela primeira vez por Robert Soper (1967). Este tipo de cerâmica centra-se nos sítios do sudeste do Quênia e estende-se ao longo da costa do Oceano Índico para a Somália em direcção ao sul até ao bairro de Dar-es-Salaam, na Tanzânia (Phillipson, D. 1976: 66, 1993: 190). A sua ocupação inicial é datada do século II AD (Phillipson 1976: 66, 1993: 190; Meneses 2002: 103). É também relatada no Malawi, no leste da Zâmbia, na ex Rodésia do Sul (actual República do Zimbabwe) e em Mpumalanga, na África do Sul, sendo datada

do século IV A.D. (Phillipson 1976: 66). Encontra-se ainda nas regiões da costa e do interior de Moçambique (Adamowicz 2013: 378). A sua distribuição estende-se do norte para o sul de África (Phillipson 1976: 66).

**Tipologicamente**, a cerâmica do tipo Kwale é caracterizada por: (1) Jarros globulares com múltiplas flautas, com uma linha de estampagem dentada abaixo da última flauta, com flautas delimitadas por estampagem dentada no pescoço e incisão com motivos pendentes na área do ombro; (2) Taças com múltiplas flautas, com lábios chanfrados e decorados na parte inferior por estampagem dentada e por uma pequena faixa de motivos pendentes abaixo de espaço curto. Nela são comuns as bases côncavas (Soper e Huffman 1970: 7).

**Tabela 4. Características da cerâmica da tradição Kwale**

Categoria	Forma do bordo	Decoração	Localização da decoração
Taças com base côncava	Chanfrado ou Flautas e virado para dentro	Simples linha incisa horizontal funda ou superficial no lábio, no bordo ou no ombro	No ombro



Figura 9. (Huffman 1970 ; Sinclair et al., 1993: 418).

Figura 6. Motivos decorativos da cerâmica da Tradição Kwale da estação arqueológica do mesmo nome, no Sudeste do Quênia e Nordeste da Tanzânia

### 3.2.3. Kwale- Matola

Os primeiros relatos sobre o tipo de cerâmica designada por Tradição Matola foram feitos por Klapwijk (1974) em Silver Leaves (no leste de Transval) e por Cruz e Silva (1976) em Matola (no sul de Moçambique) (Sinclair 1987: 67; Morais 1988: 96). Segundo Sinclair (1987: 67), esta tipologia foi nomeada depois das evidências das Primeiras Comunidades Agrícolas descobertas no sítio com o mesmo nome, no sul de Moçambique. Morais (1988:96) argumenta que esta nomeação já vinha sendo sugerida por Maggs (1980). Quanto ao sítio de Matola foi primeiramente localizado por Senna Martinez no decurso das operações de salvamento arqueológico durante a construção da estrada que liga as cidades de Maputo e Matola nos anos 60 (Macamo 2006: 59).

Para Rodrigues (2006: 445), a cerâmica de Malessane também possui atributos característicos tanto da cerâmica Kwale como da Nkope, embora representem tradições cerâmicas distintas, mas correlacionáveis, e estão evidentemente incluídas na expansão dos povos falantes de língua Bantu, sendo Urewe considerado o núcleo difusor.

Importa referir que, relativamente a Moçambique, a cerâmica recolhida em Matola IV, no Sul, é considerada do ramo Kwale. Entretanto, Kwale e Nkope ambos pertencem à tradição Urewe, por apresentar bordos biselados, em taças e tigelas e também em recipientes de morfologia variada, devendo-se a sua descoberta, no ano de 1968, por Senna Martinez (Morais 1988) também ao corte do terreno para a construção de uma estrada, o que muito condicionou o seu estudo, como assinala (Cruz e Silva 1976: 128).

**Tipologicamente**, a cerâmica do tipo Matola é caracterizada por um vaso restrito com pescoço curto ou evertido (pote sub-esférico), com bordo chanfrado, plano ou simplesmente arredondado. A sua decoração consiste na combinação de linhas largas de incisões e estampagem de pente (Cruz e Silva 1976, 1980 citada por Morais 1988: 94). É também caracterizada por 2 vasos irrestritos (tigela hemisférica ou carinada), com bordo plano ou canelado. Por vasos restritos com gargalos verticais ou evertidos e por vasos irrestritos com contornos angulados (Morais 1988: 95). As tigelas (taças) apresentam flautas

horizontais com ou sem uma única linha de incisão ou de pontuação.

**Tabela 5. Características da cerâmica da Tradição kwale- matola**

Categoria	Forma do bordo	Decoração	Localização da decoração
<i>Taças</i>	Chanfrado ou Flautas plano ou simplesmente arredondado	Combinação de linhas largas de incisões (simples, duplo, bloco, paralelas e perpendiculares) e estampagem de pente e concha	No bordo e Gargalo

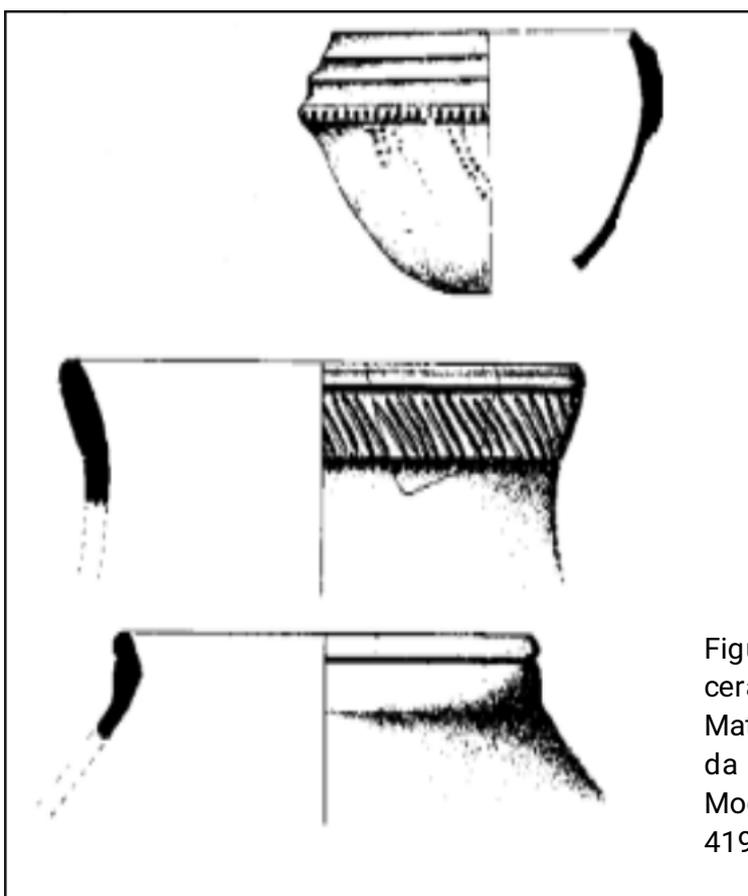


Figura 7. Motivos decorativos da cerâmica da Tradição Kwale Matola da estação arqueológica da Matola, no Sul de Moçambique por (Sinclair 1993: 419)

Figura 10. Cerâmica do tipo Matola (Sinclair 1993: 419).



### **Discussão: Malessane a dispersão dos povos falantes de línguas Bantu**

Segundo Macamo (2003), o termo Comunidades de Agricultores e Pastores e falantes de línguas Bantus, foi dado pelos arqueólogos na África Austral, em substituição da clássica *Idade do Ferro*. Entretanto, os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial (Primeiras Comunidades de 0- 900 anos AD: compreende os primeiros utilizadores do ferro, praticantes de agricultura e falantes de línguas Bantu e seus descendentes imediatos e tardio de 1000- 1900 anos. Estes períodos definem unidades arqueológicas com certos estilos de cerâmica e tipos de economia dos agricultores e pastores cuja origem varia de região para região (Ibidem). Para Madiquida (2007) a base económica destas comunidades assenta na agricultura de cereais com assentamentos permanentes e semi-permanentes assim como no uso de ferramentas de ferro.

Neste contexto, alguns arqueólogos acreditam que uma tradição singular de cerâmica e nova economia se espalhou virtualmente ao longo de todo o continente africano nos finais do primeiro milénio AD. Outros apontam para mudanças de cerâmica em diferentes períodos e lugares. Outros insistem que as relações de produção mudaram, sem que houvesse qualquer movimentação de pessoas ou mudança de cerâmica (Adamowicz 2003: 9).

Particularmente em Moçambique, ao longo do Vale do Zambeze, a primeira evidência das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores foi revelada por Carl Wiese em 1907, no abrigo rochoso de Chifumbaze, no nordeste da província de Tete, no centro de Moçambique (Phillipson 2002) citado por (Macamo 2021: 3).

Por outro lado, usando como critério de análise a olaria, Phillipson agrupou todas as estações arqueológicas do primeiro milénio AD no complexo Chifumbazi, onde obviamente também entra a estação arqueológica de Malessane. Phillipson optou por esta designação no lugar do termo *Idade do Ferro* para não haver confusão com algumas comunidades actuais que também usam o ferro.

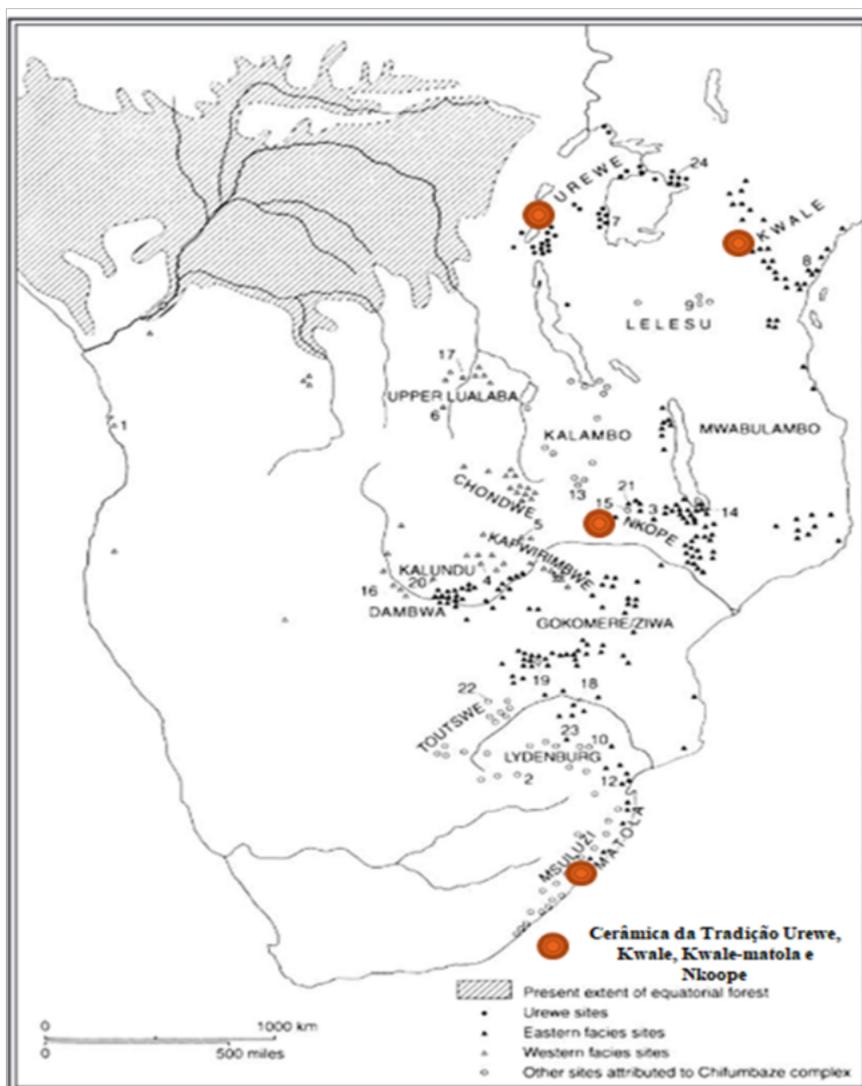
As Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores são caracterizadas por

atividades de fundição do ferro, criação de gado e tecnologia agrícola, que se acredita terem como origem o movimento migratório/dispersão dos povos falantes de línguas Bantu.

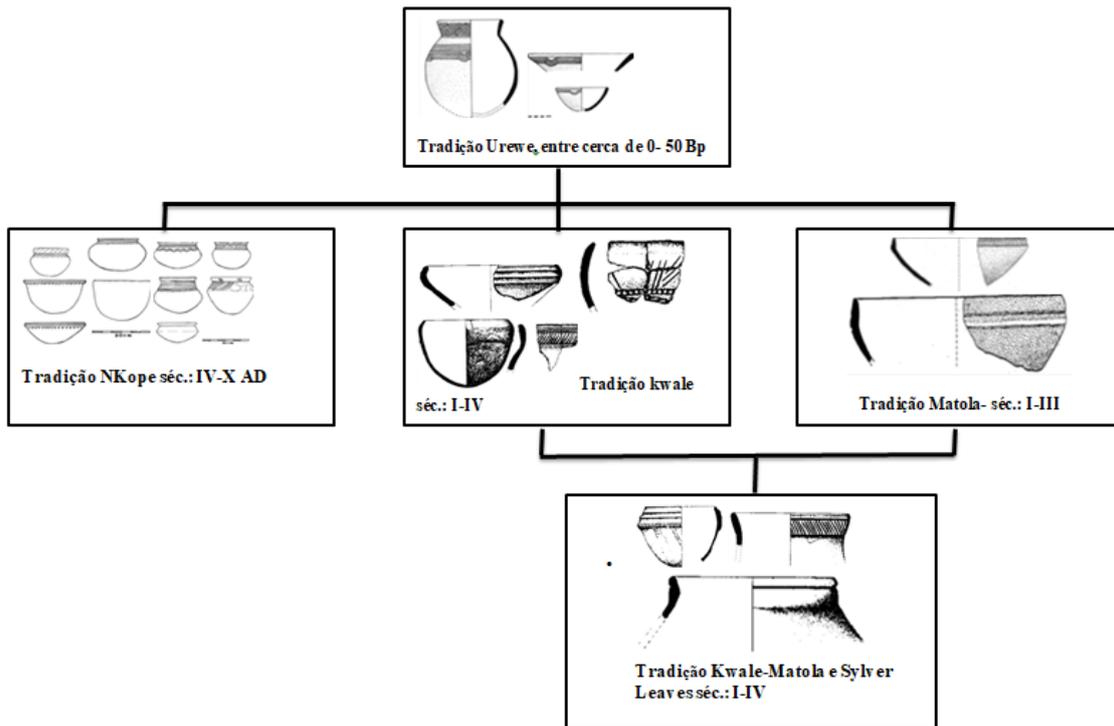
Neste contexto, de acordo com Phillipson (1985), citado por Macamo (2021), podemos concluir que existe uma forte evidência circunstancial de que o início da agricultura na África Austral e Oriental estava ligado com a dispersão de pessoas que falavam as línguas Bantu. Também existem algumas similaridades entre as divisões regionais das primeiras culturas agrícolas com as etapas definidas linguisticamente de dispersão Bantu. Como tal, a dispersão do complexo Chifumbazi deveu-se grandemente a um novo grupo de populações que usavam o ferro, praticavam agricultura e fabricavam olaria (Idem: 3), sendo um dos exemplos, a estação arqueológica de Malessane. Embora o sítio não comprove a domesticação de animais a nível local, segundo Rodrigues (2006), todavia, os dados arqueológicos indicam a semi sedentarização, produção da cerâmica e a fundição do ferro como economia de subsistência das comunidades agricultores e pastores inseridas numa primeira fase do primeiro milénio AD.

Esta afirmação é sustentada por Morais (1988), no qual argumenta que na Matola não há nenhuma evidência de um assentamento permanente, e de qualquer forma comparável em extensão para as estações de Natal com pelo menos uma área de 2 hectares. A única evidência até agora recuperada é o monturo contendo fragmentos de pote, carvão, e alguns ossos e escória de ferro, onde o trabalho foi realizado primeiro por C. e Silva em 1976 (Idem). A terminar, o mais relevante é a tipologia de cerâmica com base em diferentes critérios de classificação e interpretação dos dados disponíveis na economia e ecologia das comunidades agrícolas de Matola ou Malessane.

Mapa de incidência das Tradições Cerâmicas relacionadas com a Estação Arqueológica de Malessane "Gurué".



Fonte: Phillipson (2005)



**Linha do Tempo das Tradições Cerâmicas relacionadas com estação arqueológica de Malessane "Gurué". (Por: Raúl Mondlane 2023)**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÃO

A localização da estação arqueológica de Malessane tornou possível identificar uma significativa ocupação por Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD, falantes de línguas Bantu, localizadas numa zona fértil e próxima de um curso de água. Estas comunidades são identificadas por Tradições cerâmicas distintas de Nkope, Kwale e Matola. Deste conjunto cerâmico fazem parte recipientes com diversas morfologias e atributos, o que pode também assinalar a presença de diferentes grupos culturais.

Da interpretação efectuada neste trabalho, com base em Rodrigues (2006) percebe-se que os diferentes grupos culturais evidenciados na estação arqueológica de Malessane eram provenientes da Tanzânia, Quênia e Malawi, com ramificações dentro do País (Matola e Malessane) e também na África do Sul, segundo Macamo (comunicação pessoal, em 2023).

Todavia, falta informação de dados arqueológicos e etnolinguísticos para comprovar o percurso das Primeiras Comunidades de Agricultores que chegaram até à Zambézia, de forma a melhor interpretar o papel desempenhado pela aldeia de Gurué neste processo.

Pretendeu-se com este trabalho interpretar a estação arqueológica de Malessane em relação com as Tradições Nkope, Kwale a Matola, do Malawi, Quênia e Tanzânia e Moçambique, respectivamente, a pensar na terminologia considerada mais apropriada. Neste caso, sugeriu-se o uso do termo Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD, no lugar de Idade do Ferro Inferior.

Importa, todavia, referir que as Tradições relacionadas com a estação arqueológica de Gurué derivam da Tradição Urewe originária da Tanzania devido aos tipos decorativos de bisel. Entretanto, Kwale e Matola também se ligam à Sylver Leaves, na África do Sul. Este quadro mostra claramente a inserção regional da estação arqueológica de Malessane e o facto de pertencer às Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores do I milénio AD.

Tanto a estação arqueológica de Malessane, na Província da Zambézia

quanto da Matola, na Província de Maputo foram descobertas no âmbito da realização de trabalhos da arqueologia de salvaguarda: Male foi em 1964 e Matola em 1968.

Contudo, enquanto Matola representa um grupo nítido maioritariamente da Tradição Matola, Malessane incorpora três Tradições distintas aqui discutidas, auxiliando na compreensão da sua relação para o estudo das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique.

Como primeira recomendação, torna-se pertinente uma visita à estação arqueológica de Malessane, na Província da Zambézia, no distrito do Gurué, para dar continuidade do seu estudo, no âmbito dos projectos de investigação Arqueológica do Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Como segunda recomendação, torna-se urgente o acesso ao material arqueológico da estação arqueológica de Malessane,, que se encontra exilado em Portugal, o que é possível dentro da boa colaboração existente entre os arqueólogos portugueses e moçambicanos, conforme vontade manifestada pelo saudoso Professor Doutor João Carlos de Senna Martinez e que se mantém nas intenções dos seus colegas da Universidade de Lisboa, com destaque para a Professora Doutora Ana Cristina Martins.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamowicz, L.. 1987. Contribuição para o Conhecimento da Arqueologia entre os rios Lúrio e Ligonha – Província de Nampula. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*, nº 3. Maputo, UEM pp. 47- 144.

Adamowicz, L. 2003. Geografia do Património Cultural de Moçambique (trabalho não publicado), p: 26- 33.

Balme, J. e Paterson, A. 2006. *Archaeology in Practice: A Student Guide to Archaeological Analyses*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

Cruz e Silva, T. 1976. *A preliminary report on an Early Iron Age site: Matola IV 1/68*. Maputo: Instituto de Investigação Científica, Universidade Eduardo Mondlane.

Cruz e Silva, L. 1978. *O sul de Moçambique e o Povoamento da África Sul – Oriental na Idade de Ferro Inferior*. Algumas considerações: CEA/LETRAS, p: 2 - 4.

Duarte. R.T. 1988. Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique. *Trabalhos de arqueologia e Antropologia* nº 5, Maputo: DAA- UEM.

Ekblom, A. 2004. *Changing landscapes: an environmental history of Chibuene, southern Mozambique*. (Studies in Global Archaeology 5). Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History.

Macamo, S. 2003. Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique (trabalho não publicado). Maputo: Ministério da Cultura.

Macamo, S. 2006. *Privileged Places in South Central Mozambique: the Archaeology of Manyikenj, Niamara, Songo and Degue-Mufa* (Studies in African Archaeology 4). Maputo: Eduardo Mondlane University, Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History.

Macamo, S. 2009. Manual da Pré-história. (trabalho não publicado). Maputo:

Departamento de História, UEM: Maputo.

Macamo, S. 2015. Teorias e Correntes sobre a Migração Bantu. (trabalho não publicado): Maputo: DAA/UEM.

Macamo, S. L. 2017. As Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique, do Primeiro ao Segundo Milénio AD. Tradições Cerâmicas do Complexo Chifumbaze (trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM.

Macamo, S. 2021a . Manual sobre as Antigas Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique. Exemplo da Cerâmica de Inhambane, do I ao II milénio AD. (trabalho não publicado). Maputo. DAA/UEM.

Macamo, S. 2021b. O que é a Migração Bantu? (trabalho não publicado). Maputo. DAA/UEM

Macamo, S. L. & Ekblom, A. 2005. Projectos SAREC e a participação das comunidades locais na pesquisa arqueológica: O caso do distrito de Vilankulo. In B. Zimba e J. Cristiano (orgs) *As Ciências Sociais na Luta contra a Pobreza em Moçambique*, p.125- 138.

Madiquida, H. 2007. *The Iron-Using Communities of the Cape Delgado Coast from AD 1000* (Studies in Global Archaeology 8). Maputo: Department of Archaeology and Anthropology, Eduardo Mondlane University. Uppsala: African and Comparative Archaeology, Department of Archaeology and Ancient History.

Madiquida, H. 2015. *Archaeological and Historical Reconstructions of the Foraging and Farming Communities of the Lower Zambezi. From the mid-Holocene to the second Millennium AD*. Uppsala, Uppsala University.

MAE. 2005. *Perfil do Distrito do Gurué, Província da Zambézia*. Maputo: Ministério da Administração Estatal. <http://www.govnet.gov.mz/> [consultado aos 18 de Março de 2023].

Martinez, S. C. J. 2013a. Early Iron Age Spread in to northern Mozambique: Revising the date from the Mozambique anthropological Missions (1946). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. p:2- 13.

Meneses, M. P. G. 2002. Glossário de alguns conceitos e termos utilizados em arqueologia (Trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM, pp: 91- 181.

Moiane, P. 2019. Cerâmica do 1<sup>o</sup> Milénio A.D. entre os rios Lúrio e Ligonha, província de Nampula. Estudo comparativo dos Conjuntos Ceramistas do Complexo Chifumbaze. Dissertação de licenciatura não publicada. DAA-UEM. Maputo

Morais, J. M. F. 1988. *The Early Farming Communities of Southern Mozambique*. (Studies in African Archaeology 3). Maputo: Eduardo Mondlane University Mozambique. Stockholm: Central Board of National Antiquities.

Morais J.M.F. 1989. O princípio e o presente: a arqueologia e a redescoberta do passado em Moçambique. Revista ICALP. Vol 18. p:74- 92.

Muianga, D. 2013. Rock Art and Ancient Material Culture of Cahora Bassa Dam, Tete Province, Mozambique. MA Thesis. Johannesburg: University of the Witwatersrand.

Pwiti, G. 1991. Trade and economies in Southern Africa: The Archaeological Evidence. *Zambézia* 18 (2), p: 120.

Rodrigues, C. M. 2006. O primeiro sítio com vestígios de utilização do ferro e cerâmica “tradicional” da Idade de Ferro Inferior localizado em Moçambique - província da Zambézia. *Revista portuguesa de Arqueologia* 9 (2): 415- 449.

Santos, J. 1946. Relatório da 4.<sup>a</sup> campanha da M.A.M. Anais, V. I Junta das Missões Geográficas de Investigações Coloniais, Lisboa.

Sinclair, P.J.J. 1987. *Space, Time, and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c. 0–1700 AD*. (AUN 9). Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.

Sinclair, P. J. J., Nydolf, N- G. & Wickman- Nydolf, G. W. 1987. *Excavations at the University Campus site 2532 Dc 1, Southern Mozambique*. (Working Papers in African Studies 15). Uppsala: Department of Cultural Anthropology.

Sinclair, P. J. J., Morais, J. M. F., Adamowicz L. & Duarte, R. T. 1993. A

perspective on archaeological research in Mozambique. In: *The archaeology of Africa. Food, metals and towns*, Shaw T., Sinclair, P, Andah, B. & Okpoko, A. (eds), 409–31. London: Routledge.